



4 A midiaticização nos sindicatos: reflexões sobre visibilidade, tipos de interação e participação na Internet

Daiane Bertasso Ribeiro e Maria Ivete Trevisan Fossá

Resumo: O desenvolvimento das novas tecnologias de informação modificou os meios pelos quais são realizados os processos de comunicação. O contexto cibercultural exigiu que muitas instituições, entre estas os Sindicatos, ofertassem outras possibilidades de visibilidade, “interação” e “participação”. Na atual sociedade midiaticizada, estas e outras instituições adotam lógicas interativas por meio de sites institucionais, como estratégias de comunicação nessa ambiência midiática da internet. Assim, a reflexão aqui apresentada procura descobrir se as entidades sindicais que representam a categoria docente, com sede no município de Santa Maria/RS exploram as potencialidades da Web e promovem uma interação que possibilite a participação dos seus sindicalizados. A observação empírica dos sites institucionais das organizações sindicais nos possibilita inferir que as mesmas parecem se valer da Internet mais como uma forma de se mostrarem e serem vistas nesta nova ambiência e menos para promover a interação mútua e a participação com os sindicalizados.

Palavras-chave: visibilidade na internet; comunicação sindical; interação; participação.

Introdução

O desenvolvimento das novas tecnologias de informação modificou os meios pelos quais são realizados os processos de comunicação. O contexto cibercultural exigiu que muitas instituições, entre estas os Sindicatos, ofertassem outras possibilidades de visibilidade, “interação” e “participação”. Consideramos que no contexto atual as mídias são os dispositivos de visibilidade dos sujeitos e das instituições. Estas, em sua maioria recorrem a estratégias de visibilidade na esfera midiática, em especial, na Internet, por meio dos sites institucionais, com o objetivo de adequar-se a este contexto. Além de tornarem-se visível no ciberespaço, buscam serem reconhecidas como instituições que têm importância nesta nova ambiência.

Por meio deste estudo objetivamos refletir sobre os conceitos de visibilidade, interação e participação no contexto midiaticizado, em especial na Internet, levando-se em conta o primado da comunicação antropológica (Peruzzolo, 2006) em relação à mediada por aparelhos tecnológicos, já que na primeira a reciprocidade entre os comunicantes é uma qualidade essencial, e necessária para que ocorra a interação, principalmente a de tipo mútua, denominada por Primo (2007), que, a nosso ver, é a que poderá possibilitar a efetiva participação. A partir disso, relacionamos estes conceitos com as estratégias de visibilidade dos sindicatos na Internet, por meio dos seus sites institucionais, problematizando o potencial destes para tornar essas instituições reconhecidas nessa ambiência e promover a interação dos sindicatos com seus públicos.

Com base em autores tais como Fausto Neto (2006) e Sodré (2002), contextualizamos a respeito da busca de visibilidade e reconhecimento das instituições na Internet, no sentido de entender os atuais dispositivos de visibilidade, por meio das diferentes mídias, ou seja, o processo de midiaticização. Buscamos enfatizar em especial a Internet, a qual tem modificado as formas dos sujeitos se relacionarem, interagirem, participarem das práticas sociais, e buscarem estratégias para serem reconhecidos neste contexto.

A questão central neste artigo refere-se à comunicação na Internet como uma relação participativa. Com base nos conceitos de Primo (2007), de “interação mútua” e “interação reativa”, procuramos refletir sobre a interação que ocorre entre os sujeitos que têm acesso a mensagens mediadas por computador, por meio da Internet.

Desse modo, entendemos que os sindicatos são instituições que necessitam da participação de seus sindicalizados para serem reconhecidos, para tanto sustentamos a hipótese do trabalho de que a interação mútua é uma condição necessária para que ocorra a participação por meio da Internet. Por fim, exemplificamos as questões teóricas abordadas trazendo o resultado da observação de quatro sites institucionais de sindicatos de professores inseridos no contexto do município de Santa Maria – RS; e apresentamos nossos questionamentos finais, com base nos conceitos de visibilidade, participação e interação, refletindo sobre as estratégias de comunicação dos sindicatos na Internet, e sobre as possibilidades de interação nestes contextos.

A busca de visibilidade e reconhecimento na Internet

Nos últimos anos diversas pesquisas têm discutido acerca do campo da comunicação nas organizações e sobre a influência das mídias neste contexto, procurando se destacar as estratégias de comunicação utilizadas pelos sujeitos e organizações para obterem espaço, reconhecimento, ou seja, visibilidade e legitimação na “sociedade midiaticizada”.

Sob essa perspectiva, compartilhamos com o pensamento de Antônio Fausto Neto (2006), o qual considera os fenômenos atuais relacionados com as mídias, como tendo passado pela transformação das “sociedades midiáticas” em “midiaticizadas”, as quais ele diferencia:

Na primeira, as mídias representavam um lugar de interação dos demais campos sociais, inclusive o da política. Na segunda, as mídias se constituem em um aspecto de uma complexa ordem e cultura que dá origem a uma ambiência que é tecida e estruturada pelo trabalho das linguagens, engendrando-se uma nova maneira de funcionar das diferentes práticas das instituições (FAUSTO NETO, 2006, p.159).

Essa ambiência da sociedade midiaticizada discutida por Fausto Neto (2006) já havia sido apresentada por Muniz Sodré (2002) em suas pesquisas e investigações. Sodré (2002) ao se referir a uma “tecnomediação”, situa a mídia contemporânea na esfera das relações sociais moldadas pela cultura tecnológica, a “tecnocultura”, instância esta constituída por mercado e por meios de comunicação, que formam o “quarto bios”, o “bios midiático”, (SODRÉ, 2002, p.27-28).

Em função da necessidade de estar nas mídias e de obter visibilidade por meio delas, sujeitos e organizações acabam colaborando para formar representações pejorativas de si mesmos. Isso porque no momento em que as organizações se tornam visíveis, institucionalizam seus valores, suas ideologias, seu posicionamento político e econômico, elas passam a ser “vigiladas” pelas mídias, as quais se definem como (in)formadoras

da opinião pública, e da mesma forma as mídias são “vigiadas” pela opinião pública.

Rodrigues (1997) fala dos “dispositivos maquínicos da vigilância”, os quais naturalizam os modelos do poder disciplinar e que, finalmente com as novas tecnologias os vigiados se tornam vigilantes. “Inspeccionados e inspectores confundem-se na moderna categoria da opinião pública, interiorizando-se de maneira doce e asséptica a disciplina do poder das massas, das maiorias silenciosas, de todos sobre todos” (RODRIGUES, 1997, p. 167- 168).

Compreender o regime de visibilidade na sociedade midiatizada leva a questionar por que as organizações necessitam de visibilidade institucional e reconhecimento. O pensamento de Rodrigues sobre “regimes de visibilidade” e de Berger e Luckmann sobre “legitimação” ajudam a compreender que as instituições necessitam encontrar modos pelos quais possam explicar e justificar sua existência. A questão da “legitimação” é explicada por Berger e Luckmann em quatro níveis (1997, p.129-131). Segundo os autores, 1) o sistema de objetivações lingüísticas da experiência humana é transmitido; 2) as proposições teóricas rudimentares, esquemas explicativos relacionam conjuntos de significações objetivas, como por exemplo: lendas, histórias populares, mitos, etc.; 3) as teorias explícitas em que um setor institucional é legitimado são explicadas em termos de um corpo diferenciado de conhecimentos; 4) os universos simbólicos¹ enquanto corpos de tradição teórica integram diferentes áreas de significação e abrangem a ordem institucional em uma totalidade simbólica.

Berger e Luckmann (1997) consideram que no quarto nível de legitimação, o dos universos simbólicos, é que a integração reflexiva de processos institucionais alcança sua plena realização, em que a sociedade ganha sentido. Neste nível é que se encontram os dispositivos de comunicação e visibilidade que mantêm ou transformam os universos simbólicos, prescrevendo as regras de legitimação na sociedade midiatizada.

A esse respeito, John Thompson (2008) fala de uma “nova visibilidade” relacionada às novas maneiras de agir e interagir trazidas com a mídia e descreve três tipos de interação: a face a face, a mediada e a quase-interação mediada. O contexto da interação “face a face” é o de co-presença e os participantes dividem referências de tempo e espaço. Implica um caráter dialógico². As “interações mediadas” diferem da interação face a face em diversos aspectos, como em relação às referências simbólicas, ao espaço-tempo, ao nível de reciprocidade e interação. A “quase-interação mediada” surge com os meios de comunicação de massa e diferencia-se das demais interações em dois aspectos: as formas simbólicas são produzidas para um número indefinido de receptores. Em especial, em se tratando de Internet, o autor distingue as várias formas de interação mediada por computador, em que em alguns casos se assemelha com a “interação mediada” que se utiliza para escrever uma carta, por exemplo, como no caso do e-mail, apesar das condições espaços-temporais serem totalmente diferentes. Decorrente dessas novas formas de interação Thompson (2008) argumenta sobre o nascimento da visibilidade mediada:

1 Para Berger e Luckmann (1997), “... o universo simbólico fornece uma integração unificadora de todos os processos institucionais separados. A sociedade inteira agora ganha sentido. Instituição e papéis particulares são legitimados por sua localização em um mundo compreensivelmente dotado de significação” (p. 141).

2 Nesta pesquisa não apresentaremos uma explicação extensiva acerca do conceito de “dialogismo” na linguagem. Para tanto, indicamos a leitura de Bakhtin (1998; 2003; 2006). Apenas, revisitaremos esse conceito à luz das postulações epistemológicas de Thompson (2008) e a inter-relação constitutiva deste conceito com as tipologias de interações propostas por este autor e principalmente por Primo (2007).

Nessa nova forma de visibilidade mediada, o campo da visão não está mais restrito às características espaciais e temporais do aqui e agora, ao invés disso molda-se pelas propriedades distintivas das mídias comunicacionais, por uma gama de aspectos sociais e técnicos (como angulações de câmera, processos de edição e pelos interesses e prioridades organizacionais) e por novas formas de interação tornadas possíveis pelas mídias (THOMPSON, 2008, p.21).

Reconhece-se na visibilidade mediada de que fala Thompson (2008) características dos três tipos de interação: os participantes do processo comunicativo podem ou não partilhar referências de espaço e de tempo; a interação pode ter um caráter dialógico como no caso de um chat ou “monológico”³ como em notícias divulgadas on-line; e os participantes podem empregar diferentes marcas simbólicas para transmitir e interpretar mensagens de acordo com os recursos disponíveis no espaço em que se desenvolve a interação.

A complexidade dos processos interativos mediados pelo computador é retomada por Primo (2007) ao revisar os estudos tradicionais de interação humana e perceber os interagentes como ativos e criativos na relação estabelecida entre sujeitos. Fundamentado em uma abordagem sistêmico-relacional e afastando-se da corrente tecnicista, Primo (2007) propõe dois tipos de interação mediada por computador: interações mútuas e interações reativas (ver no item 2.1).

A comunicação na Internet como uma relação recíproca: reflexões sobre interação

Hoje, as novas tecnologias, cada vez mais, proporcionam uma tecnointeração entre indivíduos e máquinas. Neste contexto, Primo (2007) relata que as teorias que se dedicaram a estudar os processos de comunicação tiveram sempre a preocupação de tratar dessa relação homem/máquina, já que o desenvolvimento da comunicação se deu através do aprimoramento dos meios tecnológicos utilizados para este fim, desde a criação da prensa gráfica de Gutenberg, por volta de 1450, até as atuais potencialidades da Web 2.0. Por essa razão, algumas abordagens recentes sobre o uso das novas tecnologias informáticas, principalmente na comunicação, nos remetem aos estudos dos primeiros teóricos da área, como Marshall McLuhan (1969), o qual sentenciou os meios de comunicação como extensões do homem. Este aspecto da relação homem/máquina é expresso nos textos de vários outros autores, tendo como marco o modelo informacional transmissionista de Shannon e Weaver (1962), o qual obedece a um processo linear que parte da fonte de informação, transmissor, canal, receptor e destinatário, identificando também o sinal enviado, o sinal recebido, a mensagem e o ruído. Essa visão tecnicista e transmissionista é, para Primo (2007), a abordagem da maioria dos teóricos sobre interações mediadas por computador, os quais se detêm aos aspectos e potencialidades físicas do meio, em detrimento da relação social entre os interagentes.

Ainda em relação à visão tecnicista, Primo (2007) afirma que estas parecem mais interessadas em comercializar o conceito de “interatividade” no meio informático, sem questionar as diferenças entre homens e máquinas, como se bastassem aos meios tradicionais de comunicação e instituições de um modo geral colocar a disposição de seus integrantes recursos informáticos para que a efetiva interação ocorra. Para mostrar que a interatividade não pode ser tratada de modo simplista, Primo (2007) adota uma abordagem sistêmico-

3 Esse termo “monológico” colocado por Thompson (2008) necessita ser relativizado, já que pesquisas na área de Linguística nos apontam para a presença do dialogismo em notícias, como nos coloca Acosta-Pereira (2008), o qual pesquisou a constituição e o funcionamento das notícias em cinco jornais impressos do Brasil. O autor apontou para o fato de que todas as notícias são dialógicas, seja em função dos vários discursos que se engendram na constituição linguística das notícias, como também, em função das instâncias de produção, recepção e circulação dessas notícias.



relacional para o estudo da interação mediada por computador, enfatizando principalmente o contraste entre seres humanos e máquinas e defendendo um olhar que se posiciona no centro dos pólos de produção e recepção. “Entendendo que interação é ‘ação entre’ e comunicação é ‘ação compartilhada’, quer-se estudar o que se passa entre os participantes da interação, aqui chamados interagentes” (PRIMO, 2007, p56). Com esta visão elabora duas grandes tipologias para a questão interacional: as “interações mútuas” (que enfatizam as relações entre os indivíduos que se reúnem em torno de contínuas problematizações motivadas por constantes negociações); e as “interações reativas” (que são predeterminadas e condicionam as trocas, são relações potenciais de estímulo-resposta impostas por um dos envolvidos na interação, podendo este ser tanto um ser humano quanto uma máquina).

Além de distinguir a interação mútua da reativa, Primo (2007) também amplia a discussão sobre os processos de conflito e cooperação no ciberespaço, considerando tanto aspectos sociais quanto implicações das interfaces digitais. O autor esclarece que conflito e cooperação não se opõem em interações mediadas por computador, usando como exemplo a formulação mais conhecida da Teoria dos Jogos, que é o chamado “dilema do prisioneiro”, de Axelrod (1997), que se configura em um jogo em que a melhor forma dos prisioneiros reduzirem suas penas será se um cooperar com o outro. Para Axelrod (1997), neste jogo cooperar é bom, o inverso é ruim e deve resultar em punição. Neste sentido, Primo (2007) critica o posicionamento de Axelrod (1997), observando que o mesmo não leva em conta para o que se coopera, se é para a realização de uma pintura em grupo ou um crime organizado, por exemplo. “Na verdade, não existe a consideração da natureza do relacionamento, nem tampouco de seus aspectos qualitativos” (PRIMO, 2007, p. 208). O autor afirma que cooperação e conflito não se opõem e que interagir é estar em conflito e, também, que negar o conflito seria negar a própria possibilidade de comunicação. Além disso, Primo (2007) destaca que não está querendo louvar o conflito, mas busca criticar a separação maniqueísta entre conflito e cooperação, pois para ele nem a cooperação é sempre produtiva e intencional e nem o conflito é sempre prejudicial e destrutivo. Tanto a cooperação, quanto o conflito em alguns casos se inter-relacionam, pois, por exemplo, a discordância de idéias em um debate pode colaborar para construir um conhecimento novo, ou seja, foi uma situação de conflito que gerou cooperação.

Consideramos a abordagem de Primo (2007) inovadora, pois ele traz para o debate no contexto do Ciberespaço questões que são cruciais para a definição do que seja realmente a comunicação nas relações sociais. Este aspecto vem sendo tratado por diversos autores de Teorias da Comunicação, como Adair Peruzzolo (2006), o qual define a comunicação como encontro, em que o sentido da comunicação é a busca do outro, destacando a relação entre os seres e criticando os estudos comunicacionais que se preocupam apenas com a transmissão da informação.

Ao exercício da comunicação, interessa mais a natureza dos laços mútuos entre os comunicantes do que a natureza dos comunicantes em si. Nenhum comunicante tem prioridade causal sobre o outro, mas cada comunicante constitui um elo indispensável na cadeia da causalidade circular da comunicação (PERUZZOLO, 2006, p. 111).

Neste sentido, o pensamento de Peruzzolo (2006) e Primo (2007) trazem reflexões sobre a questão crucial da comunicação humana que é a relação com o outro, contribuindo para esta reflexão que se desloca no sentido de pensar o tipo de interação que os indivíduos e instituições estão realizando por meio da Internet, inferindo com isso, na necessidade de existirem laços mútuos entre os comunicantes no espaço virtual, para

que o princípio essencial da comunicação se efetive e possibilite a participação.

Interações mútuas e reativas

Primo (2000, 2007) com base em estudos sobre comunicação interpessoal elabora duas tipologias de interação mediada por computador, a mútua e a reativa, as quais pretendem auxiliar nos estudos sobre interatividade. Com base nesses dois tipos de interação, o autor analisa as dimensões de sistema, processo, operação, fluxo, throughput, relação e interface.

Para categorizar o estudo sobre “interação mútua” e “interação reativa” Primo (2000) sugere que esses dois tipos de interação podem ser discutidos com base nas seguintes dimensões: sistema (um conjunto de objetos ou entidades que se inter-relacionam entre si, formando um todo); processo (acontecimentos que apresentam mudanças no tempo); operação (a produção de um trabalho ou a relação entre a ação e a transformação; fluxo (curso ou seqüência da relação); throughput (os que se passa entre a decodificação e a codificação, inputs e outputs); relação (o encontro, a conexão, as trocas entre elementos ou subsistemas); interface (superfície de contato, agenciamentos de articulação, interpretação e tradução).

Quanto aos “sistemas”, Primo (2000) define que a interação mútua se caracteriza como um sistema aberto, voltado para a evolução e para o desenvolvimento. A interação reativa, por sua vez, se caracteriza como um sistema fechado, não evolui, age apenas naquilo que já foi previsto. Com relação ao “processo” a interação mútua se dá através da negociação e a interação reativa se dá por estímulo-resposta.

Quanto à “operação”, Primo (2000) explica que a interação mútua ocorre através de ações interdependentes, nas quais cada agente influencia o comportamento do outro e também tem seu comportamento influenciado. Já os sistemas reativos estão fechados na ação e reação, quando um pólo age o outro reage. O processo que ocorre entre um pólo e outro, entre uma ação e uma reação, ou melhor, entre um input e um output é chamado de throughput. Esse processo na interação mútua não se dá de forma mecânica como ocorre na interação reativa, pelo contrário, cada mensagem recebida por um interagente é interpretada e decodificada pelo outro, podendo gerar uma nova codificação.

Quanto ao “fluxo”, Primo (2000) observa que os sistemas de características mútuas se caracterizam por possuir um fluxo dinâmico e em desenvolvimento, em contrapartida o fluxo reativo se apresenta de forma linear e pré-determinada, agindo apenas por feedback. Já quanto à “relação”, a interação mútua se dá pela construção negociada entre os interagentes, e na interação reativa ela é causal, na relação causa e efeito pré-determinados.

E na última dimensão apresentada por Primo (2000), quanto à “interface”, o autor sugere que os sistemas interativos mútuos se “interfaceiam” virtualmente, enquanto que os sistemas reativos apresentam uma interface potencial. Para que uma interface seja plenamente interativa, ela necessita trabalhar na “virtualidade, possibilitando a ocorrência da problemática e viabilizando atualizações. Por outro lado, uma interface reativa resume-se ao possível, que espera o clique do usuário para realizar-se” (PRIMO, 2000, p.88).

Primo (2000) ainda atenta para o fato de que em muitos relacionamentos a comunicação pode se dar através de vários canais, como através da fala, gestos, softwares e, nestes casos, trata-se de uma multi-interação, pois ocorrem interações simultâneas podendo, em muitos casos, se estabelecer interações reativas e mútuas de modo simultâneo. Também o autor se refere a uma questão que pode emergir quanto à inteligência artificial que, para ele, neste caso ainda se presencia uma forma de atividade reativa, “porém, como o avanço



da área, pode-se talvez pensar em um subtipo, intermediário e de transição: uma interação pseudomútua”. (PRIMO, 2000, p. 89).

Primo (2000) destaca que o computador enquanto “meio de comunicação” pode proporcionar uma interação mútua, mas que isso vai depender da relação estabelecida entre os interagentes, pois por enquanto a relação estabelecida entre o homem e a máquina é uma interação de tipo reativa. Reduzir a interação a aspectos meramente tecnológicos, em toda e qualquer situação interativa, é fechar os olhos para o que há além do computador, embora não se possa negar que mesmo a mais automatizada das trocas de sinais é, sim, uma forma de interação. Ou seja, o intuito de Primo (2000), adotado por nós, almeja diferenciar os tipos de interação e não classificá-las como boas ou más, ideais e não-ideais.

Interação e participação

Se o conceito de “interação” por si só já é problemático, relacionar interação e participação na Internet se torna uma tarefa ainda mais difícil. Neste trabalho partimos da hipótese de que para que ocorra participação por meio da Internet se faz necessário que exista o tipo de interação caracterizada por Primo (2000 e 2007) como “interação mútua”, já que a participação pressupõe uma inter-relação entre os participantes, e no caso da Internet entre os interagentes.

Para conceituar o termo “participação” partimos da contribuição de Cicília Peruzzo (2004), a qual baseada nos conceitos de Juan Díaz Bordenave (1988), Francisco W. Ferreira (1985) e Pedro Demo (1988), elabora diferentes níveis de participação, desde a passividade à participação-poder. Para ela, a “participação passiva” caracteriza o exercício do poder do tipo autoritário, em que os submetidos a esta aceitam as decisões impostas; a “participação controlada” é detectada nos órgãos do poder público, em que a massa da população é convidada a participar, a população vota, mas depois não acompanha o efetivo uso do poder pelos representantes por ela designada, ou seja, é uma participação limitada, controlada e até manipulada (dependendo da situação); e na “participação-poder” ou “poder compartilhado” encontram-se modelos de “co-gestão” (acesso ao poder e à sua partilha, mas com limitações), e de “autogestão” (participação direta no que se refere à tomada de decisões).

Quando se fala em participação sempre nos vem à idéia de que ela deve ser compartilhada em todos os aspectos, ou seja, de acordo com a “autogestão”, citada por Peruzzo (2004). No entanto, a participação efetiva não significa que todos tenham que tomar as decisões todo o tempo, é importante que um grupo, uma organização, a sociedade, tenha representantes. Neste caso, a participação dependerá da vontade política de cada indivíduo de cobrar de seus representantes as decisões que foram tomadas conjuntamente pela maioria.

...não se deve “sacralizar” a participação: ela não é panacéia nem é indispensável em todas as ocasiões. (...) É claro que é o próprio grupo que deve decidir, participativamente, quando tais ou quais membros devem participar ou não, em qual atividade, e quais [atividades] devem ser objeto de consulta geral ou somente de decisão por um grupo delegado. A participação não equivale a uma assembléia permanente nem pode prescindir de utilizar mecanismos de representação (BORDENAVE, 1988, p. 80).

Dessa forma, nas organizações em que a participação se faz necessário é indispensável que se tenham representações adequadas, bem como dispositivos midiáticos que permitam a participação de todos na tomada de decisões, mesmo que a execução das ações seja dividida. No caso em questão, a adoção de sites

institucionais pelos sindicatos como forma de “interatividade” e consequentemente de “participação” requer uma reflexão profunda sobre a forma como estes dispositivos estão sendo utilizados, se eles promovem uma interação do tipo “mútua” ou “reativa”. Assim, acreditamos que a participação por meio da Internet só se dá através da interação do tipo mútua, em que ocorre uma relação de negociação, de envolvimento entre os interagentes, possibilitando que estes opinem, contribuam e ajudem a construir as ações que serão desenvolvidas pelos movimentos sindicais.

Práticas e estratégias de comunicação sindical na Internet

No trajeto metodológico para delimitar quais sites organizacionais seriam analisados realizou-se uma pesquisa entre os sites institucionais dos sindicatos com sede no município de Santa Maria/RS. Estabelecemos como critérios de seleção: agremiar um número significativo de profissionais, fazer uso de outras mídias e possuir relevância no cenário brasileiro.

Assim, os sites das instituições selecionadas foram: www.cpers.com.br, site do Cpers-Sindicato (Centro de Professores do Estado do Rio Grande do Sul – Sindicato dos Trabalhadores em Educação), o qual abrange professores e funcionários de escolas da rede estadual; www.sinprosm.com.br, site do Sinprosm (Sindicato dos Professores Municipais de Santa Maria), o qual abrange os professores das escolas municipais de Santa Maria – RS; www.sinprors.org.br, site do Sinpro-RS (Sindicato dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul), o qual abrange os professores e funcionários das escolas privadas do Rio Grande do Sul; www.sedufsm.com.br, site da Sedufsm (Seção Sindical dos Professores Docentes da UFSM – Universidade Federal de Santa Maria).

A partir da visitação dos sites, procuramos identificar as seções e links existentes em cada um deles que, a princípio, se propunham a incentivar a participação dos internautas (sindicalizados), tais como “fale conosco”, “contato”, “interação”, “pesquisa interativa”, entre outros, no sentido de verificar se estes canais possibilitavam uma troca simultânea, um diálogo entre a instituição e os sindicalizados por meio da interação e participação dos mesmos.

Ao observar os quatro sites institucionais, verificamos que três deles apresentam características muito semelhantes, que são os sites do Cpers-Sindicato, Sinprosm e Sedufsm: as seções estão alinhadas na parte superior, esquerda e/ou direita, com as notícias recentes e os principais destaques localizados na parte central da tela, como exemplo, a foto da capa do jornal impresso. Estes três sites trazem conteúdos e seções muito parecidas, tais como: histórico, link para sindicalização, agenda de eventos, fotos, multimídia, diretoria, etc.; além de apresentarem o jornal impresso da instituição, disponível em formato de arquivo PDF. Todo esse material é “hospedado” nos sites como uma espécie de grande arquivo, para que os sindicalizados possam compartilhar dessa história, no entanto o fato desse material estar disponível online não significa que todos os que acessam a ele se sintam pertencentes e participantes da instituição sindical.

O site do Cpers-Sindicato dispõe como ferramenta para promover a interação e a participação do sindicalizado, o “fale conosco”, ou seja, o envio de e-mail. Esta é uma forma de interação desde que utilizado sistematicamente, ou seja, com critérios como tempo de resposta, material informativo para sanar dúvidas e ampliar conhecimento, gerador de pautas para reuniões sindicais e para outras mídias, no entanto, a simples disponibilização de um e-mail para contato por si só não promove a interação e, ainda que promova, para que



ocorra a efetiva participação o processo de interação necessita de um elevado grau de envolvimento e negociação entre os interagentes. No site do Sinprosm não é muito diferente, até existe uma seção denominada “Interação” (Enquete/Pesquisa – a qual informa que está em construção/ Dúvidas Frequentes – em construção/ Contato – envio de e-mail). Assim, observamos que o site do Sinprosm, embora aparente uma pretensão de estabelecer a interação com o sindicalizado, não explora essas potencialidades. Em relação ao site da Sedufsm, além das seções semelhantes a dos sites do Cpers-Sindicato e do Sinprosm há uma seção denominada “Grupos de Trabalho” que poderia sugerir alguma ferramenta de interação, mas, ao contrário, nesta seção são indexadas apenas relatórios desses grupos que já estão formalizados em outro meio que não o site. Ainda possui a seção “Resultado Enquetes” que, pelo que se pode apreender que são enquetes realizadas no próprio site, por um período determinado, e depois transformadas em seção. Ao se observar estas enquetes, verificamos que as mesmas foram construídas em torno de uma pergunta central, sobre um tema polêmico, com três ou quatro opções para o internauta fornecer respostas do tipo “sou contra, pois...”. Pelo número total de votos e a porcentagem de votação em cada resposta, observamos pouca participação na grande maioria das enquetes.

O site do Sinpro-RS, além das informações similares aos demais sites já observados, se apresenta de modo diferenciado pela grande quantidade de informações que dispõe. Somando-se às informações institucionais, ele possui ainda links de bibliotecas, museus, dicionários, enciclopédias, etc., além de utilizar algumas estratégias de animação, como na barra superior onde em movimento anti-horário são postadas as manchetes de notícias recentes. As fotos das páginas do jornal impresso ficam se alternando na página inicial, e o jornal impresso é formatado também para ser lido online, com as editorias distribuídas em seções, sendo que o jornal impresso não está disponível em formato de arquivo PDF, como nos demais, mas já no formato online, como já dito. O Sinpro-RS disponibiliza gratuitamente aos sócios uma página pessoal e endereço eletrônico. No link para “página pessoal” tem-se o seguinte aviso: “Por motivos de segurança, este serviço está temporariamente fora do ar. Pedimos desculpas pelo transtorno. Para mais informações, por favor, entre em contato pelo endereço...” (www.sinprors.org.br, acesso em 15/04/2009). Apesar do grande número de informações e serviços observamos também a limitação no uso de ferramentas de interação e participação.

A observação dos sites institucionais revela que os sindicatos se utilizam da internet como uma ferramenta para mostrar outros meios de comunicação e mídias já consolidadas, ou como uma espécie de “grande” arquivo, com histórico, documentos, prestação de serviços (como ficha de sindicalização, tabela de cálculo de salário, etc.), ou seja, como um meio que ao invés de convidar o sindicalizado para “ir” até o sindicato, faz o contrário, disponibiliza serviços que evitam o contato, a interação e, conseqüentemente, a participação. Essa observação, longe de querer inferir uma visão pejorativa quanto à intencionalidade destas instituições, quer apenas destacar que estas, assim como tantas de outros setores da sociedade, estão se utilizando da internet de um modo que pode ser considerado como ingênuo, pois muitas elaboram um site institucional para seguir as tendências, como um “modismo”, para se adequarem a esse novo modo de comunicação, sem pensar no quanto a internet pode possibilitar bons resultados se explorada em todas as suas potencialidades.

Questionamentos finais

Como já visto, inseridos em uma sociedade midiatizada, os indivíduos e organizações se utilizam